



Opinião

Eurodeputados portugueses alertam para a situação de refugiados no Mediterrâneo

Responsabilidade de proteger

Ana Gomes e Rui Tavares

Como relatores do Parlamento Europeu (PE) para as relações com a Líbia (Ana Gomes) e para a política de reinstalação de refugiados (Rui Tavares), afirmamos que é tempo de a Europa se concentrar no que é fundamental: salvar vidas humanas e auxiliar os processos de transição para a democracia nos países do Norte de África. Sabemos que a União Europeia (UE) tem meios e mecanismos para fazer face ao afluxo de refugiados e migrantes e pode fazer muito mais para evitar que a instabilidade na região se agrave com pesadas repercussões em toda a vizinhança.

Desde o início do conflito na Líbia que milhares de refugiados têm sido forçados a fazer-se ao mar em frágeis embarcações. Só no último mês, houve notícias de mais de uma centena de naufragos que pereceram perto da ilha italiana de Lampedusa, além do desaparecimento de um navio com 600 pessoas no golfo da Líbia e de 61 refugiados que terão morrido à sede e à fome apesar de relatos de que terão sido avistados por um helicóptero

militar e um navio de guerra alegadamente europeu (a NATO negou entretanto que estivesse ao corrente da situação).

É preciso sublinhar que o mandato para a intervenção armada na Líbia, conferido pelo Conselho de Segurança da ONU com apoio dos governos europeus, atribui às forças internacionais a responsabilidade de proteger a população. E, convém recordar, quase um terço da população civil da Líbia era composta de emigrantes e refugiados. É, por isso, imperativo que a Europa acorra a salvar gente que escapa do conflito na Líbia e corre o risco de naufragar no Mediterrâneo.

Assinale-se que a tragédia na Líbia está a desencadear uma verdadeira crise humanitária não na Europa, mas antes na Tunísia, país que recebeu solidariamente mais de 350 mil refugiados da guerra da Líbia, apesar de estar muito debilitado economicamente. É grotesca a discórdia entre França e Itália a pretexto de 35.600 pessoas providas da Tunísia e da Líbia que chegaram a Malta e a Lampedusa, ainda por cima pondo em causa um dos pilares mais importantes da construção europeia: a liberdade de circulação no espaço Schengen.

Devido à guerra na Líbia, 8 mil refugiados identificados pelo ACNUR necessitam de reinstalação urgente. Uma ação coordenada pela UE impõe-se. Se o Conselho Europeu tivesse dado resposta ao PE sobre o Fundo Europeu dos Refugiados, muita tragédia se poderia ter evitado. A proposta prevê a criação de um mecanismo de emergência para reinstalar refugiados que o ACNUR considere em especial perigo. A alta representante Catherine Ashton deve procurar obter a abertura de corredores humanitários, em articulação com os Governos tunisino e egípcio.

Este não pode ser visto como um problema que diz respeito à outra margem do Mediterrâneo, a Malta ou a Lampedusa. Temos em mãos um problema europeu que exige vontade política e reforço de recursos. Trata-se de auxiliar os mais vulneráveis seres humanos. A maior parte refugiados eritreus, somalis, etíopes e sudaneses, fugidos de guerras e perseguições e agora perdidos no meio de um conflito em terra estrangeira. A tragédia marca já as suas vidas. Marcará as nossas se, como europeus, ficarmos indiferentes e os deixarmos morrer tentando desesperadamente chegar às nossas costas.